

# Práticas na escola com alunas portadoras de deficiência visual

## School practices with visually impaired students

Michele Hidemi Ueno Guimaraes – Universidade Federal de Ouro Preto  
micheleueno@ufop.edu.br

Michela Paula Lopes Moreira – Universidade Federal de Ouro Preto  
michelapaulalopes@yahoo.com.br

### Resumo

Este trabalho faz parte de uma pesquisa em andamento e tem por objetivo realizar um estudo de alunas com Deficiência visual, visando uma investigação de como ocorre o processo de ensino-aprendizagem com alunos do Ensino Fundamental II. A partir de observações surgiram algumas questões: Como professores trabalham dentro das salas de aula com esses alunos? Como funciona o material para escrita e leitura? Professores fazem a transposição de material para Braile? Todos os professores são aptos a trabalharem com essas crianças? Pudemos perceber que para haver um desenvolvimento necessita-se da colaboração de todos. A Educação, em si, não é “especial”. Especiais se podem afirmar são os procedimentos e recursos didáticos pedagógicos. A partir dos dados, vimos que a escola precisa dinamizar sua atuação, os educadores precisam acreditar no seu ofício e a criança precisa ser levada a descobrir o seu verdadeiro papel no processo pedagógico de ensino.

**Palavras chave:** Deficiência visual, inclusão, formação de professores, recursos didáticos e educação.

### Abstract

This work is an ongoing research and it aims to investigate how the teaching-learning process occurs with Elementary School students with visual disabilities. Some questions we intent to investigate are: How do teachers can work in classrooms with these students? How the writing and reading material can be worked? Are all teachers able to work with these students? We realize that working with this students in school should be a everyone's efforts. Education itself is not “special”. Special should be the pedagogical didactic procedures and resources. From the data, we could see that the school has to boost its performance, educators should believe in their profession and the students, well, we have to let them discover their true role in the teaching process.

**Key words:** visual impairment, inclusion, in-service teachers, didactic resources and education.

## **Introdução**

O estudo apresentado nesta pesquisa, ainda não concluído, parte do interesse pela inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, nas escolas de ensino regular evidenciando a diversidade no contexto escolar. Num primeiro momento, foi necessário o estudo das leis federais, estaduais e internacionais, que direcionaram as normas e mudanças que regem os direitos da pessoa com deficiência.

A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais é cada vez mais, uma realidade nas escolas, evidenciando a diversidade no contexto escolar. Desta forma, o processo de inclusão, iniciando em fins do século XX, defende, ao mesmo tempo, os princípios de direito à igualdade e à diferença nos âmbitos educacionais, no intuito de eliminar preconceitos, discriminações e estereótipos produzidos no interior da escola. Há que se considerar, contudo, que o processo de inclusão é amplo e implica aprofundamento de reflexões e implementação de ações afirmativas, que promovam a quebra de barreiras arquitetônicas, curriculares, comunicacionais e atitudinais.

A pesquisa tentou alcançar como foi construído o conhecimento do deficiente visual (DV), no que diz respeito às representações mentais, conceitos, relações humanas e desenvolvimento afetivo e cognitivo. As questões que nortearam a pesquisa foram: i) Como pessoas com deficiência visual adquirem conhecimento sobre o mundo, e como podem interagir com os materiais didáticos, estimulando e favorecendo a aprendizagem? ii) Como os deficientes visuais, congênitos ou não, formam as representações mentais e os conceitos sobre objetos, situações e eventos?

O trabalho foi realizado com três alunas DV, matriculadas na sala regular dos 8º e 9º anos. Utilizamos algumas aulas, conteúdos diferentes para perceber o comportamento delas na sala de aula, com intuito de observar o rendimento, desenvoltura, aprendizagem, acolhimento dos colegas, professores e principalmente se havia verdadeira inclusão nessa escola. Foram feitas entrevistas com as alunas, pais e professores da sala de recurso (AEE), que trabalham com elas. A sala de recurso também foi observada, para analisarmos os materiais, complexidades e a forma como é conduzido o trabalho social.

## **O processo da inclusão**

A inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais é, cada vez mais, uma realidade nas escolas, evidenciando a diversidade no contexto escolar. Desta forma, o processo de inclusão, iniciando em fins do século XX, defende, ao mesmo tempo, os princípios de direito à igualdade e à diferença nos âmbitos educacionais, no intuito de eliminar preconceitos, discriminações e estereótipos produzidos no interior da escola. O ambiente escolar oferece ao deficiente visual condições de crescimento como indivíduo.

A cegueira, ao criar uma formação peculiar de personalidade, reanima novas fontes, muda as direções normais do funcionamento e, de uma forma criativa e orgânica, refaz e forma o psiquismo da pessoa. Portanto, a cegueira não é somente um defeito, uma debilidade, senão também, em certo sentido, uma fonte de manifestação das capacidades, uma força. Por estranho que seja, semelhante a um paradoxo. (VYGOTSKY, 1997, p. 99).

Ao longo de todo processo, muitos movimentos nacionais e internacionais foram realizados, na busca de acordos para a formatação de uma política de integração da Educação Inclusiva. O marco histórico da inclusão foi em 1994, com a Declaração de Salamanca, na Espanha, na Conferência Mundial Sobre Necessidades Educacionais Especiais, realizada pela UNESCO,

com princípios que toda criança tem o direito fundamental à Educação, oportunidade e direito ao conhecimento.

O aprender e o ensinar, sob o entendimento da diferença de todos nós, redefinem o que se propõe como Educação escolar em nossos dias. Vygotsky trabalha a relação indivíduo sociedade, em que afirma que as características humanas não estão presentes desde o nascimento, nem são simplesmente resultados das pressões do meio externo. Ele defende a Educação Inclusiva e acessibilidade para todos. As crianças com deficiência visual podem alcançar o mesmo desenvolvimento de uma criança dita normal, só que de modo diferente, por outra via.

## **Um pouco sobre a teoria de Vygotsky e o AEE**

Vygotsky (1993) interessou-se em compreender a generalidade do significado social e individual da condição da cegueira, bem como a singularidade dessa forma de viver sem o sentido da visão, ou seja, buscou compreender a psicologia da cegueira. Para ele:

Cegueira não é meramente a ausência da visão; a cegueira causa uma total reestruturação de todo organismo e toda personalidade. A cegueira, criando uma nova e única matriz da personalidade, traz à vida nova, força criativamente, muda tendências normais das funções e organicamente refaz e forma a mente do indivíduo. Portanto, cegueira não é meramente um defeito, uma falta, uma debilidade, mas em algum sentido é também a origem da manifestação das habilidades, um adicional, uma força (por estranha e paradoxal que essa ideia possa parecer). (VYGOTSKY, 1993, p. 97).

Para ele, os problemas podem ser uma fonte de crescimento:

Um defeito ou problema físico, qualquer que seja sua natureza, desafia o organismo. Assim o resultado de um defeito é invariavelmente duplo e contraditório. Por um lado, ele enfraquece o organismo, mina suas atividades e age como uma força negativa, Por outro lado, precisamente porque torna a atividade do organismo difícil, o defeito age como um incentivo para aumentar o desenvolvimento de outras funções no organismo; ele ativa, desperta o organismo para redobrar atividade, que compensará o defeito e superará a dificuldade. O caráter negativo de um defeito age como um estímulo para o aumento do desenvolvimento e da atividade.

(VYGOTSKY, 1984, p. 233).

A Educação está inserida num contexto, onde a inteligência se constrói nas trocas constantes com o meio ambiente, tendo a escola um papel mediador entre aprendizagem e desenvolvimento. Vygotsky sintetiza isso no seu conceito de zona de desenvolvimento iminente (ZDI).

Para ele, a necessidade de uma prática educativa para tal aprendizagem necessita de um professor como mediador, com uma intencionalidade de ensinar, de tal forma que a criança aprenda por meio de uma educação escolarizada e informal, pois assim, terá condições básicas para desenvolver o conhecimento científico.

Recursos metodológicos devem se adequar à necessidade dos alunos, sendo que esse processo preocupa bastante os docentes, como eles assimilam os conteúdos. Para Vygotsky, o objetivo é atingir conhecimentos com o mesmo fim da criança dita não especial.

A teoria de Vygotsky parece ser revolucionária diante da nossa realidade, mas busca aquilo que o homem tem de melhor: sua criatividade, sua autonomia, sua condição de sujeito ativo e

não de objeto a ser moldada.

Para o desenvolvimento destas habilidades, contamos, em algumas escolas, com o Atendimento Educacional Especializado (AEE). Funciona como um recurso de vital importância, para o desenvolvimento dos alunos com deficiência e é uma ferramenta imprescindível. A sala de recurso da escola onde fizemos a pesquisa possui uma coordenadora e alguns professores de apoio para o atendimento individualizado.

O AEE é realizado, prioritariamente, nas salas de recursos multifuncionais da própria escola ou em outra de ensino regular, no turno inverso da escolarização, não sendo substitutivo às classes comuns e consiste na utilização de métodos, técnicas, recursos e procedimentos didáticos desenvolvidos nas diferentes modalidades, anos de escolaridade e níveis de ensino para complementar ou suplementar a formação dos estudantes da Educação Especial, para garantir o acesso ao currículo e qualidade no processo ensino aprendizagem.

## **Metodologia**

Esta pesquisa teve abordagem qualitativa, dado o propósito de investigar os caminhos trilhados por todo corpo docente, de como ocorre o ensino-aprendizagem de alunas deficientes visuais, pelo método fenomenológico de análise, que trata de descrever, compreender e interpretar os fenômenos que se apresentam à percepção. Podemos perceber com essa descrição da fenomenologia, a expressão da explicação do processo tal como proposto por Vygotsky, isto é, que liga a propriedade do conceito com alteração da percepção interna do tempo.

Dentro do contexto, iniciou-se uma pesquisa sobre a inclusão dentro da escola de ensino regular. A escola investigada é uma escola de Órgão Público Municipal, que teve início de atendimento a alunas especiais a partir de 2011.

O primeiro movimento foi analisar a documentação - o PPP (Projeto Político Pedagógico) desta escola, para verificar a existência das mudanças de adequação no contexto escolar para uma verdadeira inclusão. A seguir, conhecer um pouco sobre os docentes da escola. O que sabiam a respeito, como trabalhar com alunos com deficiências e *déficits* escolares.

Em seguida, conhecer o espaço onde é desenvolvido individualmente o processo de ensino - a sala de AEE, onde todo material transcrito é produzido para as alunas deficientes visuais. Foram feitas entrevistas com as professoras de apoio e análise de documento das três alunas. Conhecer um pouco a sala de aula regular e como os alunos se adaptam a elas e como elas são inseridas dentro da sala de aula.

Nesse contexto, também fez parte conhecer a família de cada uma, como são tratadas, a convivência, cobranças, atitudes, avaliação no contexto escolar e perspectiva de vida. Por fim, conhecer um pouquinho das alunas deficientes visuais. Foi elaborado um questionário, onde optou-se por elaborar questões abertas.

Para este artigo, trazemos parte dos dados coletados com as nossas alunas. A entrevista com todas, bem como todas as informações que obtivemos seriam inviáveis, dado o limite de páginas que temos para apresentá-los.

## **Apresentação dos dados**

Nesta seção, vamos apresentar parte do encontro com as famílias, de cada uma das alunas

participantes da pesquisa. Todos os nomes que aparecem no trabalho são nomes fantasia, para que não haja a identificação das alunas.

### **Aluna Duda**

Duda nasceu com uma malformação – glaucoma congênito e córneas. Foi uma decepção. Ficaram em um tratamento frequente. Desde o primeiro mês até o terceiro, ficaram com um médico acompanhando. Não obtiveram resultados. No quarto mês, foram para fila de transplante. Durante 1 ano, ficaram tomando conta da retina (deveria ficar úmida), mas ela secou. Ficou com um tampão no olho esquerdo devido a um cisto, mas não adiantou muito. Com 1 ano e meio de idade ainda não andava, foi diagnosticada que tinha uns problemas nas pernas, arrastava-se pelo chão e acompanhava os barulhos. Com 1 ano e 10 meses Duda falou a primeira palavra. Começou a andar. Em 2009, foi para uma escola municipal em XX, onde iniciou seus estudos com bons professores. Aprendeu a ler com o braile e foi alfabetizada. Também tinha aulas de canto e teclado. Foram anos de muitas conquistas. No próximo ano, mudaram-se para XX. Ela iniciou o ano na escola, onde realizamos a pesquisa. Nesse período, Duda teve um problema sério no intestino, usava fralda de oito a dez dias a cada mês, mas teve uma melhora em seu desenvolvimento cognitivo. Todo o Ensino Fundamental II foi feito nesta escola.

### **Aluna Geise**

Geise nasceu prematura, 6 meses e meio com 1,2 kg, ficando na incubadora 33 dias, apresentava-se muito saudável. Veio para casa com 1,650 kg. Descobriram que durante os dias na incubadora, o olho da Geise não estava formado o suficiente, sendo assim ocorreu o deslocamento da retina. Com 1 ano e 2 meses começou a andar, não engatinhou. Com 2 anos, Geise estava na escola. Era um transtorno ir à APAE, ela não gostava. Aos 5 anos, mudamos de cidade. Na nova escola, foi montada uma sala com 4 crianças para incluí-la. Lá ficou até os 7 anos, aprendeu o braile, foi alfabetizada. Dos 7 aos 11 anos de idade estudou na escola municipal XX. Depois, uma nova fase pra ela, adolescente agora. Nesta escola, está desde o 6º ano. Pensamentos mudaram, começou a falar que não iria mais ler, estava com vergonha dos meninos. É muito sozinha. Dizia que é muito chato quando alguém chegava perto dela e cumprimentava o outro e por ser cega a ignorava. Elogia bastante o acolhimento que teve nesta última escola. Ela quer fazer faculdade de Psicologia, quer poder ajudar os outros.

### **Aluna Nina**

Nina nasceu com um problema na perna (joelho era virado). Foi um transtorno. Levaram-na à uma especialista em perna e resolveram engessar desde a virilha até o meio, ficando até os 3 primeiros meses. Do terceiro para o quarto mês, ela estava com o pescoço muito mole e não encarava as pessoas. Levaram-na à pediatra e disseram a eles que ela era cega. Após vários oftalmologistas, o laudo foi que o globo ocular dela era normal, o problema era neurológico. Com 1 ano e 2 meses começou a andar. Com 1 ano e 9 meses, ela foi para instituição APAE, e lá ficou por 15 anos. Aprendeu o braile. Há 3 anos está na escola, onde realizamos a pesquisa. Agora a adolescente canta, conversa muito. Fazendo um exame ósseo identificaram que ela tem um atraso de crescimento, exatamente 4 anos. Ela tem muitas expectativas de vida. Diz que quer estudar, não quer casar, quer ser doutora pediatra.

## Possíveis inferências a partir dos nossos dados

À partir do encontro com as famílias, pudemos conhecer um pouco cada uma das nossas alunas e suas principais dificuldades.

São famílias com um grau de escolaridade simples, mas que buscam, lutam e estudam as leis necessárias para favorecer o desenvolvimento e as potencialidades de seus filhos. Ter o acesso à Educação para as alunas deficientes visuais, fez toda diferença, em crescimento emocional e cognitivo. Mesmo cada uma com suas limitações, conseguiram vencer a primeira etapa de ensino. Pudemos perceber a importância do professor de apoio e de um PPP na escola, sendo um norte para o desenvolvimento desses alunos.

A participação da família com as adolescentes visuais nos pareceu muito presente e diferenciada. A participação do corpo docente é muito relevante, professores comprometidos, mas sabemos das dificuldades e limitações de se trabalhar com as alunas deficientes visuais. A falta de especialização, cursos profissionalizantes na área são limitados.

Pudemos perceber a falta de um atendimento psicológico na sala de AEE, pois as alunas, além da deficiência visual, possuem outros transtornos.

O espaço físico da escola é bom e segue as regras das necessidades delas, tais como: rampas, banheiros de fácil acesso e sala de recurso. Porém, acreditamos que as placas em braile poderiam ser mais bem distribuídas, para melhorar a independência das alunas. Trata-se de uma ação institucional e de responsabilidade coletiva.

Esse contexto, família, escola, docentes e discentes nos permitiu vivenciar e aprender como somos pequenos e como podemos ser solícitos e aprender com as diferenças. As alunas com deficiências visuais apontaram características de desenvolvimento próprio, demonstraram níveis de concentração, percepção, atenção, não existindo a compensação. A relação entre os mediadores da aprendizagem com as deficientes visuais fez toda a diferença, determinando uma transformação, desenvolvimento tanto conceitual como tecnológico, uma evolução da pessoa e da sociedade a sua volta.

A escola foi e é a peça chave em todo processo da inclusão social. Em 2011, a primeira aluna com Deficiência Visual chegou à essa escola. A primeira mudança feita pela escola foi analisar o PPP. Foi preciso repensar, mudar e evoluir o processo ensino aprendizagem.

Vygotsky ressalta que estamos habituados com a ideia de que o homem lê com os olhos e fala com a boca, mas que há um fato cultural que demonstre que se pode ler com os dedos e falar com as mãos. Durante seis anos, a escola teve o apoio de uma pedagoga, que assumiu a coordenação da inclusão e fez com que a linguagem superasse as consequências psicológicas e pedagógicas da deficiência visual.

Passamos a acreditar que não deve existir diferenças entre a educação dos meninos cegos e videntes, mas sim, usar a linguagem como uma ferramenta básica para o aprendizado. Outro ponto importante para o desenvolvimento do processo da inclusão, foi identificarmos que podemos aprender com a pele, tato, olfato e audição.

Contar com os docentes fez diferença na escola e dentro das salas de aula, principalmente os da sala de AEE, todas buscaram novos saberes. Todo material utilizado pelas alunas é desenvolvido pelas professoras de apoio, juntamente com os professores da sala de aula regular com ajuda das auxiliares.

De acordo com a nova BNCC, as aprendizagens essenciais definidas devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento das competências gerais, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento. É definida como

mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e sócio emocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.

## Considerações finais

É necessário valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para podermos entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborando para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. Rossetti *et al.* (2004) ponderam que no Brasil, a escola é um local onde se veiculam informações basicamente visuais, onde os recursos pedagógicos envolvem representações e não dados sensoriais diretos, e ressaltam a urgência de que as representações educacionais possam assumir diferentes modalidades, inclusive não visuais.

Hoje, identificamos que, quando uma criança deficiente visual é estimulada por profissionais qualificados, acompanhamento médico e intervenções pedagógicas necessárias, ela consegue superar seus limites, tornar-se um educando com autonomia e independência, capaz de viver e conviver em plena igualdade com os seus colegas. Não podemos deixar de falar da participação da família.

Não é a deficiência que cria as dificuldades na aprendizagem, e sim a diferença social, a falta de recursos tecnológicos específicos e a falta de cultura. A deficiência está na construção social, nos discursos e crenças, nos processos e nas técnicas, nos instrumentos e nos padrões de normalização e não nos alunos.

A heterogeneidade de alunos em nossas salas de aula é cada vez mais nossa realidade, portanto, a política atual de inclusão merece um foco, uma superação dos estigmas, dos rótulos e dos padrões sociais.

## Referências

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **BNCC – Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC, 2019.

ROSSETTI, C. B., SILVA, C. A., BATISTA, G. L., STEIN, L. A., HULLE, L. de O. Panorama da Psicologia Escolar na cidade de Vitória: um estudo exploratório. **Cadernos de Psicologia e Educação Paideia**, 14(28), 191-195, 2004.

UNESCO, **Declaração de Salamanca e Linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. [Adotada pela Conferência Mundial sobre Educação para Necessidades Especiais]. Acesso e Qualidade, realizada em Salamanca, Espanha, entre 7 e 10 de julho de 1994. Genebra, UNESCO 1994.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. (1934/1993). **Pensamiento y lenguaje**. En Obras Escogidas (Tomo II, pp.11-348). Madrid: Aprendizaje Visor.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984.